



Conto Infantil: Constitutivo do Processo de Aquisição da Escrita de Crianças com Síndrome de Down

Simone Neri da Silva¹, Carla Salati Almeida Ghirello-Pires²

Resumo: A literatura sobre o desenvolvimento da linguagem humana enfatiza que a linguagem é parte integrante do sistema cognitivo geral dos seres humanos, sendo uma atividade constitutiva e fundamental para a inserção social e afirmação da subjetividade dos indivíduos. Este texto discute os contos infantis como instrumento constitutivo do processo de aquisição da escrita de crianças com Síndrome de Down (SD) que apresentam em seu desenvolvimento comprometimentos de ordem cognitiva que afetam a aquisição e o funcionamento da sua linguagem. A hipótese de trabalho é a de que a utilização dos contos infantis associada ao processo de interação e mediação do professor poderá ser um fator facilitador para o desenvolvimento da linguagem escrita desses indivíduos, posto que a atividade de leitura ofereça possibilidades discursivas que contribuam com a aquisição da escrita. Este trabalho está ancorado na abordagem histórico-cultural da aprendizagem, desenvolvida por AUTOR para quem a mediação e a interação são condições essenciais para o desenvolvimento humano.

Palavras Chave: Síndrome de Down; Mediação. Contos infantis; Aquisição da escrita.

The Children's Story: as a Constitutive Instrument of Writing Acquisition Process of the Children with Down Syndrome

Abstract: The literature on the development of human language emphasizes that language is an integral part of the general cognitive system of human beings, being a constitutive and fundamental activity for the social insertion and affirmation of individuals' subjectivity. This text discusses the children's tales as a constitutive instrument of the process of acquisition of the writing of children with Down Syndrome (SD) who present in their development cognitive impairments that affect the acquisition and functioning of their language. The working hypothesis is that the use of children's stories associated with the process of interaction and mediation of the teacher may be a facilitating factor for the development of the written language of these individuals, since the reading activity offers discursive possibilities that contribute to the acquisition of writing. This work is anchored in the historical-cultural approach to learning developed by AUTOR for whom mediation and interaction are essential conditions for human development.

Keywords: Down's syndrome; mediation; children's stories, writing acquisition

¹ Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da UESB - Universidade de Estadual do Sudoeste da Bahia. Contato: nerimones@hotmail.com;

² Pós-doutorado em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Linguística –Neurolinguística – pelo Instituto de Estudos Linguístico da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo (USP). Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DEEL) da Universidade de Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da UESB. Contato: carlaghipires@hotmail.com

Introdução

Desde a antiguidade o ser humano vem produzindo marcas gráficas registradas em rochas e nas cavernas, as quais podem ser entendidas como um mecanismo de modelação do funcionamento de uma linguagem escrita. E o registro das experiências do homem é um indicador de que a necessidade de se expressar sempre acompanhou o ser humano, possibilitando sua existência como ser social e comunicativo. Conforme Alkmim (2001):

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais que isso, podemos afirmar que esta relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. (ALKMIM, p.15, 2001)

Além disso, é por meio da linguagem que funções superiores são culturalmente formadas, e por estar inter-relacionada com o pensamento, possibilita outras aprendizagens (VIGOTSKY; LÚRIA;1996). Para Franchi (1987) a linguagem é uma atividade constitutiva e resultado da interação concreta do ser humano com o mundo que o rodeia e com seus pares. A linguagem é primordial para a socialização e desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. A este respeito Ghirello-Pires; Moreschi (2016, p.19) afirmam que “ a incorporação do signo pela criança é algo de fundamental importância em sua existência, pois é por meio dessa conversão que ela terá condições de compreender e representar o mundo, para si e para os outros.” Não há, portanto, outra maneira de estar no mundo como humano a não ser por meio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal . A este respeito Franchi (1987) citada por COUDRY; ABAURRE (2008) afirma que :

A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas linguísticos, as línguas naturais de que nos servimos (p.173)

A partir disso, podemos inferir que, um comprometimento área da linguagem adquire particular relevância, podendo trazer dificuldades ao desenvolvimento do indivíduo como um todo. Por outro lado, a aquisição da linguagem possibilitará não apenas o desenvolvimento do

sujeito, como também a formação da subjetividade e da alteridade, pois na visão de Bakhtin é na interlocução que se dá a produção de sentidos.

Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra) (BAKHTIN, 1997b, p. 383).

A partir do entendimento da linguagem como constitutiva do desenvolvimento humano dado o seu aspecto histórico-cultural direcionamos o foco de atenção desse trabalho para a aquisição da escrita por crianças com Síndrome de Down (SD). Assim o objetivo desse trabalho é de demonstrar a relevância da utilização do Conto Infantil como instrumento constitutivo da aquisição da linguagem, sobretudo a escrita, por crianças com SD, uma vez que estes indivíduos podem apresentar perdas significativas em sua inserção na sociedade em função de um comprometimento na linguagem decorrentes de sua condição sindrômica. Isso ocorre, porque entre as características dessa Síndrome, há as que dizem respeito a limitações de origem orgânica que interferem no desenvolvimento de sua linguagem, mas que não têm caráter definidor de impedimentos, quando consideramos a grande plasticidade cerebral, que é capacidade do cérebro de se remodelar em função da experiência do sujeito resultante de situações interacionais e estímulo, conforme explica Coudry (2009), com base nos postulados de Lúria :

Luria em 1970 publica na revista Scientific American um texto em que divulga o cérebro como um sistema com alta plasticidade e que funciona integradamente. Esse achado é promissor para lidar com a afasia porque é possível refazer as dificuldades advindas da lesão que deixa seqüelas psíquicas. Em outras palavras, o cérebro é um órgão equipado para absorver mudanças tanto em processos normais - que exigem novas soluções e práticas [...] .(COUDRY, M.I.H, 2009,p.380)

Schwartzman (1999) enfatiza que a área da linguagem em indivíduos com SD é a mais afetada, devido às características dessa síndrome, em alguns casos, sendo, associadamente, determinantes para uma maior dificuldade na aquisição da linguagem. No entanto o conhecimento a respeito do conjunto de características físicas e psíquicas dos indivíduos com SD, o aumento da atenção e expectativas sobre esses indivíduos bem como a atuação de forma diferenciada de seus pais e professores poderão ampliar suas possibilidades de aprendizagem.

Propomos aqui, que a leitura dos Contos Infantis, contribuirá para garantir um melhor desenvolvimento e aquisição da linguagem escrita para esses indivíduos.

Além disso, o ato de ler para uma criança traz a mediação para um lugar de destaque nos processos de ensino e aprendizagem, cujo resultado mais relevante é o entendimento de que toda criança é capaz de aprender.

A linguagem da criança com Síndrome de Down

A SD é uma das síndromes mais investigadas mundialmente. Sabe-se que ela está relacionada a uma cromossomopatia que ocorre no momento ou após a concepção ocasionando um cromossomo extra no par 21 (PIMENTEL, 2012). Esse cromossomo é responsável pelas características fenotípicas peculiares dessa síndrome. Segundo a autora as características da SD foram descritas pela primeira vez pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866, mas só em 1958 a etiologia da SD foi descoberta, na França, pelo professor Lejeune. Desde então, os estudos e discussões sobre SD buscam superar o reducionismo de aspectos biomédicos e a patologização para pensar nas potencialidades desses indivíduos.

No entanto, as crianças com SD apresentam características físicas específicas que decorrem da síndrome, as quais se manifestam com pequenas variações de uma criança pra outra ; dentre elas dificuldades no campo da linguagem, sendo inclusive consideradas de ‘risco’ para aquisição desta devido às características físicas e cognitivas da síndrome. Schwartzman (2003) dá-nos conta de que essas características podem influenciar na aquisição da linguagem, tanto no sentido fonarticulatório – devido à hipotonia - como psíquico. Segundo o autor, as crianças com SD têm reações mais lentas aos estímulos e seu contato olho no olho começa mais tarde também. E tudo isso dificulta o contato com o ambiente desfavorecendo, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem. Além disso, “ o atraso no desenvolvimento da cognição leva a dificuldades no processo de sistematização das palavras e desenvolvimento da linguagem como um todo”. Segundo Pimentel (2012) é preciso repetir algumas leituras e atividades. Essa frequência deve acontecer em vários níveis, para ativar o sistema cognitivo, provocando, assim, sua modificação.

Por essa razão, ou seja, pelas singularidades linguísticas/cognitivas da criança com SD, o contar histórias para crianças com SD, além de poder ser um importante meio de comunicação

e desenvolvimento da linguagem como um todo, pode, ainda, ser utilizado como um elemento potencializador para o ensino da leitura e para a formação do hábito de ler .

Para Vigotsky (1988) o sujeito é interativo, já que se desenvolve e adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais num processo denominado *mediação*, ou seja, de trocas com o meio – entenda-se como meio algo muito mais amplo como : ambiente, sociedade, e práticas, e sobretudo, outras pessoas. No caso das crianças com SD essas trocas são de máxima importância, pois delas decorrem novas aprendizagens. Nesse sentido Vigotsky (2001) propõe que o

estudo individual de todas as particularidades específicas de cada educando [...], [o] ajuste individual de todos os procedimentos de educação [...], [a] interferência do meio social em cada uma delas [...] e a definição consciente dos objetivos individuais da educação para cada aluno (p.431)

Sendo assim, a mediação desempenhada pelo professor deve estar em consonância com as singularidades do sujeito em questão, e com seu processo de construção de conhecimento. Tal atitude permitirá um ajuste individual da prática pedagógica de acordo com seu progresso ou dificuldades em relação às tarefas propostas. Em outras palavras, a mediação do adulto deve ser proporcional ao nível de competência necessária para a realização da tarefa. Por esta razão é que o Conto infantil surge como instrumento constitutivo do processo de aquisição da escrita de crianças com SD, já que põe a criança em contato com a leitura e escrita, tornando a aquisição e desenvolvimento da língua escrita um decurso mais significativo. Camargo (2012) lembra que a deficiência intelectual decorrente da síndrome é o que mais altera a capacidade elaborativa do pensamento, e, portanto da linguagem, já que linguagem e cognição estão inter-relacionadas. E, Chinalia e Monteiro (2017) enfatizam que a

relação entre pensamento e linguagem, segundo Vigotski (2000), passa por várias mudanças ao longo da vida do indivíduo. Mesmo tendo origem em momentos diferentes e desenvolvendo-se de modo independente, num dado momento, por meio da inserção da criança na cultura, o pensamento e a linguagem encontram-se e dão origem a um modo de funcionamento mais sofisticado, tipicamente humano (CHINALIA ;MONTEIRO, 2017 p.69)

Podemos deduzir que os seres humanos já nascem aparelhados organicamente, e que esse aparato é responsável pelo desenvolvimento de funções mentais elementares, mas é através da linguagem e da cultura, que esse processo se torna mais sofisticado, ou seja, surgem daí as funções mentais superiores o que leva a percepção de que o desenvolvimento e aprendizagem são processos inseparáveis. Entretanto, para os sujeitos com SD há notadamente

uma dificuldade de narrar, contar histórias em geral, ou mesmo contar um pequeno fato de seu cotidiano. Em relação às alterações no desempenho narrativo desses sujeitos, Camargo e Lacerda (2012) relatam que embora não haja muitos estudos sobre o tema, é possível afirmar que esses sujeitos apresentam dificuldades de síntese, de percepção espaço-temporal e da capacidade de se reportar. Segundo estas autoras, é como se eles compreendessem ou processassem cada parte de um texto separadamente, o que pode fazer com que se percam em pormenores da temática central, dificultando a compreensão pelo seu interlocutor. Ademais, em relação ao entendimento espaço-temporal da narrativa Camargo e Lacerda (2012) acreditam que tais dificuldades estariam relacionadas à imaturidade neurológica, ocasionando em uma lentidão para correlacionar palavras que indiquem temporalidade.

Questões como estas devem conduzir a uma ressignificação da função do interlocutor. Esse deve incumbir-se da mediação entre a criança e sua linguagem; retomando tópicos, dando pistas da próxima palavra ou recorrendo a verbos de enunciação. Quanto à memória a criança com SD apresenta uma variação em relação às demais crianças que também merece nossa atenção.

Nesse sentido, Pimentel (2012) evidencia o papel da memória, por meio da qual o sujeito deverá trabalhar com a informação, utilizando-se da atenção, manipulação, organização e recuperação, de forma a exercer um controle voluntário da informação ou do conceito. Em Vigotsky (1998) esse processo denomina-se *metacognição* e deve ser instigado pelo mediador, através do uso de signos e ações auxiliares para evocar algo, o que possibilita a elaboração de novas ideias, habilidade historicamente empregada pelos seres humanos.

O homem criou novos procedimentos, com a ajuda dos quais conseguiu subordinar a memória a seus fins, controlar o curso da memorização, torná-la cada vez mais volitiva, transformá-la no reflexo de particularidades cada vez mais específicas da consciência humana (p.43).

Assim, entender como funciona a memória do sujeito aprendiz e a estruturação do seu discurso narrativo, proporciona identificar quais estratégias promoverão sua competência discursiva e por conseguinte de possibilidade de escrita. Além disso, ressaltamos que a própria disposição ou esboço do texto narrativo promove uma organização mais apropriada das ideias, dos fatos, da percepção de tempo e espaço, bem como a categorização dos seres do mundo pelo sujeito. Sobre a categorização, Kearney (1998) afirma que,

a categorização possibilita a aprendizagem porque identifica objetos do mundo, reduz a complexidade do ambiente, mas requer motivos postos pela criança e estratégias para sua finalização. [...] Cada indivíduo constrói um sistema de categorização; uma forma pessoal de agrupar ou relacionar informações sobre o mundo, em constante reorganização (p. 430)

Dessa forma, é importante investir no que é significativo para a criança.

Outro aspecto para o qual se deve atentar no caso de crianças com o aparelho da linguagem modificado, quer seja por uma variação neurológica, quer seja por uma qualificação sindrômica ou por qualquer outra condição que acarrete no funcionamento atípico da linguagem é que a utilização do texto narrativo tende a funcionar, também, como *exemplo de enunciação*. A história, preliminarmente narrada pelo outro, deve suscitar no aprendiz a capacidade de fazer seus próprios relatos, isto é, a habilidade de narrar, surge da experiência primordial de ouvir. Para que um processo de ensino da escrita de uma criança com SD seja bem sucedido, deve-se partir da narração de pequenas histórias especialmente escolhidas para cada criança, considerando seu ambiente sociocultural, bem como sua maturidade neurológica.

E Góes (2002, p.99), por sua vez, chama a atenção para o fato de que o

funcionamento humano vinculado a alguma deficiência depende das condições concretas oferecidas pelo grupo social, que podem ser adequadas ou empobrecidas. Não é o déficit em si que trata o destino da criança. Esse “destino” é construído pelo modo como a deficiência é significada; pelas formas de cuidado e educação recebidas pela criança; enfim, pelas experiências que lhe são propiciadas. (GÓES, 2002, p.99),

Desse entendimento mencionado por Góes, o processo de ensino e aprendizagem se torna não apenas possível, mas rico e eficaz, em detrimento de situações adversas.

A leitura de Contos Infantis como instrumento de mediação

Ao longo da história da educação no Brasil a leitura tem sido tema de debate entre educadores, alfabetizadores ou não, em virtude do importante déficit nesta área, evidenciado pelo alto índice de analfabetismo em algumas partes do país, ou ainda pelo precário nível de letramento de grande parte de nosso alunado. Este fato torna nosso sistema de ensino excludente, já que não atende as necessidades de todos os estudantes em suas singularidades, como por exemplo a neurodiversidade e os aspectos socioambientais.

Quanto a este aprendizado, da leitura e escrita, perguntas como para quê ? e como ensinar ? devem nortear qualquer planejamento e práticas metodológicas, pois vários estudiosos do tema, como Morais (2012), Cagliari (1996/1999) e Ferreiro/Teberosky (1985) afirmam, os nossos métodos tem sido bastante limitados. Muito embora não seja nosso objetivo criticar os métodos de alfabetização, de forma mais ampla, é importante destacar que comumente se ignora que o processo de letramento começa muito antes da alfabetização propriamente dita; começa no ambiente familiar, devendo estar nos hábitos familiares de ler para a criança, por exemplo, atividade que desenvolverá na mesma, recursos primitivos de concepção da escrita, afirmativa encontrada nos postulados de Lúria (1986) :

O momento em que uma criança começa a escrever seus primeiros exercícios escolares em seu caderno de anotações não é, na realidade, o primeiro estágio do desenvolvimento da escrita. As origens deste processo retomam a muito antes, ainda na pré-história do desenvolvimento das formas superiores de comportamento infantil; podendo até mesmo dizer que quando uma criança entra na escola ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que a habilitará a aprender a escrever em um tempo relativamente curto . (LÚRIA, 1986, p.143)

A partir desse entendimento, de que a leitura precede ao aprendizado da escrita, sendo inclusive parte constitutiva de tal processo, é que podemos inferir, que o ato de ler é uma importante atividade mediadora entre o indivíduo e sua aprendizagem. Além da observação de que o próprio ato de ler para uma criança, independente de qual seja o seu objetivo, já é suficientemente positivo para o fortalecimento de aspectos afetivos e culturais que contribuirão para o desenvolvimento integral da criança , dando sentido ao mundo que a rodeia.

Nessa mesma perspectiva Freitas (2017,88) afirma que para Vigotsky (2001) “ as funções psicológicas tipicamente humanas, como a linguagem, a escrita, atenção voluntária, memória lógica e formação de conceitos, aparecem no desenvolvimento da criança em dois planos – no interpsicológico (social/coletivo) e no plano intrapsicológico (individual)- e o processo de internalização das funções do plano externo para o plano interno ocorre pela intermediação de signos e sentidos que são produzidos nas relações com os outros.” Desse modo o contato com o mundo da escrita enriquece a experiência cultural de uma criança, uma vez que o ato de ler nos coloca em constante diálogo com as ideias presentes no texto. Sobre isso Mello (2016, p.51) destaca que “do ponto de vista psicológico esse complexo processo [o de dialogar com o sentido do texto] é ensinado às crianças, quando lemos para elas, antes que elas se preocupem com ler e escrever elas próprias.” E complementa (p.52): “Com a literatura

apresentada às crianças – lida para elas – na infância, superamos a ‘tosca simplicidade’ denunciada por Vigotsky (1995,p.202) de quem pensa a leitura como um processo de associação entre sons e letras. Pois conforme Vigotsky (1995)

a compreensão não se reduz à reprodução figurativa do objeto e nem mesmo à do nome do objeto que corresponde à palavra fônica; consistesim no manejo do signo, em referi-lo ao significado, no rápido deslocamento da atenção e à percepção dos diversos elementos que passam a ocupar o centro de nossa atenção. (p.199)

Nesse sentido a utilização dos Contos Infantis pode ser um instrumento constitutivo do processo de apropriação da escrita da criança com SD, pois o texto narrativo possui linguagem simplificada e direcionada à compreensão por parte da criança, permitindo a ela acompanhar seu enredo sem perder de vista seus personagens e percorrer um caminho evolutivo em relação à história. A experiência da leitura tem papel importante para o desenvolvimento do próprio discurso narrativo infantil e possibilitará sua entrada no mundo da escrita, de forma prazerosa e eficiente.

A respeito do processo de aquisição da escrita, Cagliari (1996, p. 113) ressalta que “a experiência de ler é o segredo para a alfabetização, pois é através da leitura que o aprendiz toma conhecimento de como o sistema de escrita funciona, depois é só colocar no papel esses conhecimentos fornecidos pela leitura”. O autor demonstra em seus estudos que ler e escrever são duas atividades mais ou menos paralelas e que ler nos primeiros anos da escola é tão importante quanto a produção de textos, é

melhor começar o processo de alfabetização ensinando o aluno a decifrar a escrita e a ler, do que a escrever, como faz tradicionalmente o método das cartilhas. Depois que o aluno aprendeu um pouco a ler, pode ir tentando escrever (p.155)

Portanto, o ato de ler para uma criança é uma experiência com potencial pedagógico riquíssimo, pelo seu caráter mediador entre a criança e sua linguagem, como também é repleta de possibilidades afetivas, conforme explicita Rodrigues :

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Essa materialização é possível pela própria estrutura fixa do texto narrativo, com início meio e fim (geralmente bem definidos no conto infantil), bem como pelos temas abordados, como o medo da perda de um dos genitores, do abandono ou da carência. Tais problemas despertam a solidariedade e a sensibilidade do leitor. O desenvolvimento do enredo busca soluções para os conflitos do início do texto, o que comumente ocorre apelando-se para a fantasia. O desfecho também não se dá de forma complexa, o que torna o texto narrativo ideal para crianças de qualquer idade. Camargo (2011, p.919) corrobora essa percepção quando afirma que “o ato de narrar é um dos primeiros gêneros que a criança lança mão em seu desenvolvimento linguístico e um dos últimos que são perdidos com o envelhecimento”.

Assim, o ato de ler direcionado a uma criança com SD adquire ainda maior relevância, uma vez que estas precisarão de muito mais estímulos que as demais crianças; isso porque, embora sujeitos com SD sejam capazes de aprender como qualquer outra criança, o farão em ritmo peculiar. Torna-se necessário, portanto, ao adulto interlocutor/mediador da criança conhecer as características e singularidades da SD para melhor intervir sobre elas. Isso inclui uma especial atenção na escolha das histórias que lhes serão contadas, observando aspectos como o tamanho da história, as ilustrações, a fluência da leitura, dentre outros.

Os contos infantis são, ainda, importantes propagadores culturais da humanidade. Mesmo com a enorme profusão tecnológica atual, o conto infantil ainda é uma importante fonte de fantasia e criatividade para as crianças, sendo também, junto com as canções, as primeiras formas de comunicação oral dirigidas a estas. Sendo assim, são indispensáveis para que a criança entre em contato com diversas linguagens. As histórias despertam o interesse, a curiosidade, e também afetos importantes para o desenvolvimento psíquico e social das crianças. A este respeito Rodrigues (2005, p. 4) afirma que, a

contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

O autor acrescenta que uma criança pode começar ouvindo histórias, aprendendo a decifrar os sons das letras em diversos contextos e se pôr a ler pequenos textos cujo conteúdo

já tem conhecimento (já ouviu). E afirma que, se esse contato for intensificado, a criança passa a ter um outro tipo de relação com a escrita, percebendo que ela não é simplesmente um jogo de montar e desmontar sílabas e palavras. Por essas e outras razões é necessário contar histórias como um ato lúdico e de interação entre a criança e seus interlocutores.

Jean (1990) corrobora com a posição de Cagliari (1996) e sinaliza que a leitura não deve ser compreendida como um ato mecanicista, em que a criança tão somente decifra códigos, mas sim um meio pelo qual a criança se torne apta a compreender o mundo. Ler, portanto, não se realiza só com os olhos e o cérebro, mas por meio de todos os sentidos do corpo, da criatividade e do afeto. O autor conclui afirmando que quanto mais se conta histórias para uma criança, mais ela estará apta para ampliar seu mundo simbólico.

“O pressuposto é valer-se do prazer da criança em ouvir histórias para iniciá-la à aquisição do sistema de escrita alfabética e fomentar o seu gosto pela leitura” (CARVALHO, 2005). Sendo assim concebemos a leitura como constitutiva do desenvolvimento da linguagem escrita.

A partir da *contação* de histórias Camargo (2011) enfatiza a inter-relação entre a linguagem oral e outros processos semióticos, como a escrita, quando afirma ser essa inter-relação significativa para apropriação de questões linguísticas, oral e escrita. Além disso, esse contato deve alterar, por conseguinte, o tempo de aquisição da escrita da criança de modo geral e sobretudo das que têm SD, cujo tempo de aprendizagem pode apresentar diferenças. Muitas vezes a própria escola retarda esse contato com a leitura alegando que a criança ainda não sabe ler, e com isso deixa de alcançar grandes avanços. Ferreiro (1999) afirma que há

crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a se alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (p.23)

Assim se uma criança vive em um ambiente literário, ela vai se apropriando de funções e do uso da língua escrita e Cagliari (1996, p.148) lembra que “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para formação dos alunos é a leitura [...]”. É, portanto, fundamental considerar que o desenvolvimento da linguagem e aquisição de uma escrita deve estar associado a múltiplos esforços, sendo a leitura um dos mais importantes e ricos deles. E para Mello (2005),

As atividades de expressão, como o desenho, a pintura, a brincadeira de faz-de-conta, a modelagem, a construção, a dança, a poesia e a própria fala são essenciais para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança, além de constituírem as bases para a aquisição da escrita como um instrumento cultural complexo. (MELLO, 2005, p.24)

Desta forma, os Contos Infantis cumprem um papel determinante para o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, pelo seu caráter mediador, além de ser uma experiência culturalmente enriquecedora.

Metodologia

A metodologia utilizada para a sistematização deste texto foi de uma pesquisa essencialmente bibliográfica, realizada através de leitura com caráter analítico e exploratório de livros e artigos que tratassem do tema *O Conto Infantil como instrumento facilitador do processo de aquisição da escrita de crianças com Síndrome de Down*, culminando com a seleção dos autores mencionados no artigo. Para tanto, buscou-se na literatura os mais diversos autores e de épocas diferentes, mas com ênfase numa literatura mais contemporânea.

Tendo em vista a heterogeneidade de ideias, bem como fomentar o pensamento e o debate entre os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem e aquisição da escrita infantil, buscou-se autores que atuam nas mais diversas áreas do conhecimento, dos quais citamos como exemplo: da Psicologia, Vigotsky (2001), da Neurologia (Lúria, 1986), da Linguística (Franchi, 1987), da Pedagogia (Cagliari, 1996) e da Fonoaudiologia (Ghirello-Pires e Moreschi 2016). Os textos selecionados para a construção deste trabalho, apresentam convergência de ideias, e portanto, formam um todo coerente, possibilitando, portanto, uma maior compreensão sobre a importância dos Contos Infantis para a aprendizagem da leitura e escrita de crianças com Síndrome de Down.

Resultados e Discussão

Podemos observar através das leituras realizadas para esta pesquisa, que em detrimento do determinismo biológico, erroneamente associado aos processos de aprendizagem de pessoas

com Síndrome de Down, autores defendem que se deve assumir uma postura que vise ampliar as potencialidades do sujeito aprendiz, em detrimento de sua condição sindrômica. Foi possível, assim, compreender que indivíduos que apresentam algum comprometimento cognitivo, como é o caso dos indivíduos com SD, têm na mediação uma experiência dialógica através da qual os seres humanos se desenvolvem e aprendem. Sendo assim, a criança com Síndrome de Down é singularmente beneficiada por uma prática baseada na utilização da leitura como instrumento mediador, e portanto facilitador de sua aprendizagem .

Esta pesquisa permitiu compreender que a teoria Histórico-cultural de Vigotsky (2004) continua sendo subsídio pertinente para a compreensão do desenvolvimento e aprendizagem humana, pois também coloca a mediação em lugar de destaque para que o processo de aquisição da leitura/escrita seja eficaz.

Através desta investigação, compreende-se que o ato de se ler para uma criança é primordial ; devendo ao mesmo tempo anteceder o momento da alfabetização, e ser presente em todas as fases dessa aquisição. Ressaltamos que os Contos Infantis são especialmente eficazes quando dirigidos à crianças com SD , pelo seu potencial lúdico e por ser um modelo de enunciação facilmente assimilado pelas crianças.

Considerações finais

É necessário considerar, assim, que para um processo de aquisição da escrita por crianças com SD bem sucedido, é importante investir naquilo que é significativo para a experiência da criança, e que tal objetivo pode ser alcançado através da utilização dos contos infantis, cujas características incluem um grande potencial linguístico.

Entendemos que o relevante papel do mediador e sua compreensão de que é preciso conhecer a criança e suas características individuais, permitirá que ele atue sobre as reais necessidades de cada criança, promovendo, portanto, seu desenvolvimento e aprendizagem de forma exitosa, em detrimento do determinismo biológico.

Ademais, urge que modelos de alfabetização desprovidos da utilização de leitura sejam cuidadosamente revistos, para dar lugar a uma prática de ensino que priorize a leitura como constitutiva do processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Referências

- ALKIMIM, T.M. Sociolinguística Parte I. In MUSSALIN, F; BENTES, A.C, (orgs): *Introdução à Linguística: domínios e Fronteiras*. V.1. São Paulo: Cortez, 2001, p.15
- CHINALIA, Fabiana ; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar . Jogos e brincadeiras: o aluno com síndrome de Down no contexto da educação inclusiva. In: Carla Salati Almeida Ghirello-Pires. (Org.). *Síndrome de Down: perspectivas atuais*. 1ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016, v. 1, p. 69
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail . (V.N. Volochinov) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6ª ed. São Paulo: Editora Hucitec 1992.
- BAKHTIN, Mikhail.. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução [feita a partir do francês] Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p.277-326.
- BAKHTIN, Mikhail Apontamentos 1970-1971. In: *Estética da criação verbal*. Tradução [feita a partir do francês] Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. p.369-397.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. **São Paulo**: Editora Scipione, 1996;
- CAMARGO, Evani Andreatta Amaral. O Gênero Narrativo na linguagem de crianças com alterações neurológicas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (2):p.917-928, maio-agosto 2011.
- CARVALHO, Marelene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) *Caminhos da Neurolinguística Discursiva: O velho e o novo*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 380
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSK, Ana. *A Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas 1985. 284p
- FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. *Almanaque*, São Paulo, n.5.p.9-27, 1987.
- FREITAS. A. Paula. A inclusão escolar de alunos com Síndrome de Down: o que revelam as pesquisas Brasileiras, In GHIRELLO-PIRES, C.S.A.; MORESCHI, S. (orgs) *Síndrome de Down Perspectivas Atuais* – Vitória da Conquista, Edições UESB, 2016
- GHIRELLO-PIRES, C.S.A; MORESCHI, S. Especificidades no acompanhamento inicial de linguagem em crianças com síndrome de Down: uma abordagem histórico-cultural. In GHIRELLO-PIRES, C.S.A. (org) *Síndrome de Down: Perspectivas Atuais* – Vitória da Conquista, Edições UESB, 2016.

GOES, M.C.R. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M.K; SOUZA, D.T.R; REGO, T.C. (Org). *Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.p.95-114.

JEAN, G. *Los Senderos de La Imaginación Infantil, los cuentos, los poemas: La realidade México*: Fondo de Cultura Econômica, 1990

KEARNEY, Richard. Narrativ Imagination – the ethical challenge. In *modern to postmodern*, Edinburgh UniversitPress; New York: Fordham Press, 1998. P.241-257

LÚRIA, Alexandr Romanovich. *Pensamento e Linguagem*: as últimas conferências de Lúria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 251p

MELLO, Suely Amaral; FARIA, Ana Lúcia Goulart (orgs). *O Mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005

PIMENTEL, Susana Couto. *Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos*. Petrópolis: Vozes, 2012

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. *Cultura, arte e contação de histórias*. Goiânia, 2005.

SCHWARTZMAN, M. Liliane C. Aspectos da linguagem na criança com Síndrome de Down. In SCHWARTZMAN, José S.(org.). *Síndrome de Down*. 2.ed São Paulo: Memmon/Mackkenzie. 2003

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A Construção do Pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Fundamentos de defectologia*. Madri: Visor, 1997. Obras Escogidas V.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Teoria e método em Psicologia*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. organizadores: Michael Cole [et al]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Simone Neri da; GHIRELLO-PIRES, Carla Salati Almeida. Conto Infantil: Constitutivo do Processo de Aquisição da Escrita de Crianças com Síndrome de Down. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45, p. 341-355. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 17/04/2019

Aceito 22/04/2019